

i	Periodicidade: Diária		Temática: Política	
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	364
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem: 80000		Página (s): 1/4	
17-09-2013				



Cavaco pede
“bom senso” à
troika e quer PS
comprometido



Cavaco dedicou dia ao tema "Os jovens e o futuro da economia"

HUGO DELGADO/LUSA

Presidente avisa a troika de que é preciso cuidado com a economia

Cavaco Silva pede "bom senso" à troika nas avaliações em curso e insiste no diálogo partidário. António José Seguro fecha a porta

RITA TAVARES

rita.tavares@ionline.pt

Quatro meses depois da mais difícil avaliação da troika – a mesma em que o Presidente da República viu até a "inspiração de Nossa Senhora de Fátima", após o desbloqueio de verbas a 13 de Maio –, a equipa volta e Cavaco Silva deixa um aviso já à cabeça: "Espero que eles conheçam bem a situação económica do país e que revelem bom senso."

O timing é de pressão nacional (ver páginas 2 e 3) para que algumas das metas impostas possam ser flexibilizadas, no decorrer das oitava e nona avaliações, e o chefe de Estado acaba por dar um empurrão nesse sentido. Ainda que admita que a posição de Portugal na mesa negociada seja frágil, Cavaco Silva aponta dois pontos concretos que, no seu entender, devem ser tidos em conta pela troika: os dados que indiciam sinais de vida da economia e a boa resposta nacional aos sacrifícios pedidos.

"Espero que essa avaliação não comprometa a recuperação da economia que começou a verificar-se no segundo trimestre deste ano. Todos os indicadores

apontam para que a economia continue a evoluir de forma positiva ainda no terceiro trimestre", lembrou ontem Cavaco Silva, durante a visita a um parque tecnológico em Guimarães. E, ao mesmo tempo, o Presidente argumentou com "a forma responsável com que os portugueses têm respondido" aos "sacrifícios que têm sido pedidos".

O chefe de Estado não entra no pedido directo para a suavização das exigências internacionais a Portugal mas, ainda assim, coloca-o como desejável no médio prazo. A propósito, relança mesmo o pedido para compromissos alargados ao nível partidário. "Face às grandes exigências que Portugal tem à sua frente, é decisivo, para reduzir os sacrifícios exigidos, para colocar a economia numa trajectória sustentável, para reduzirmos os desequilíbrios económicos e financeiros, que se estabeleça um compromisso de médio prazo entre as forças políticas que subscreveram o Memorando."

E, com isto, Cavaco Silva lembra a semana de rondas negociais, logo após a crise política que começou com a demissão do ministro das Finanças e, no dia

seguinte, a saída do líder do parceiro de coligação, Paulo Portas. O diálogo, acredita Cavaco, "deixou a suas sementes", e depois das autárquicas, passada a luta partidária no terreno, o Presidente considera que há condições para as conversações serem retomadas, tendo em vista a redução da carga sobre os portugueses.

SEGURO REJEITA Mas o maior partido da oposição trava a fundo neste ponto. Ontem mesmo, em resposta à nova insistência presidencial, António José Seguro disse que "não há nenhuma condições para haver qualquer tipo de consenso. Os portugueses sabem que há dois caminhos distintos: um é o da política do governo de cortes nas pensões, na escola pública ou na saúde, mas essa não é a nossa opção. O governo persiste na política de cortes e vai sozinho". Citado pela Lusa, o líder do PS acrescentou mesmo que "é impossível qualquer tipo de consenso com quem não partilha a mesma visão". E acrescentou que, durante o actual processo de avaliação da troika, "não haverá nenhuma reunião entre o PS e o governo"